

Berçarista Básico



Conteúdo programático:

A Trajetória da Educação Infantil no Brasil
Legislação da Educação Infantil
A Profissão
Habilidades e competências
Características
Cuidados com recém-nascidos
Banho
Sono
Alimentação
Leitura
Atividades e brincadeiras
Organização do espaço
O Choro da Criança
Cuidar x Educar
Primeiros Socorros

A Trajetória da Educação Infantil no Brasil



Estudos mostram que até o início da República muito pouco se fazia no Brasil em relação a criança de 0 a 6 anos. Mudanças sociais e políticas ocorridas no cenário nacional, a partir dos anos 20 do século XX , impulsionaram um maior reconhecimento do setor público quanto à importância do atendimento à criança. A tônica era a medicalização da assistência à criança até 6 anos; até então a preocupação era apenas o cuidar fisicamente. Após a década de 1930, a “causa da criança” mobiliza autoridades oficiais e iniciativas particulares; surgindo a criação de várias instituições voltadas à criança; desde este período, a história do atendimento público é constituído de uma rede que envolve diferentes Ministérios: Saúde, Previdência e Assistência Social e Educação. O problema da criança é fragmentado e combatido de forma isolada – a saúde, “bem estar” da família, a educação (resultado: Ninguém é realmente responsável, uma área de atuação responsabiliza a outra).

Em 1975 é criada a Coordenação de Educação Pré-escolar (COEPRE) do MEC; cujo objetivo era incentivar as Secretarias de Educação a criarem as Coordenações voltadas à pré-escola – a pré-escola é proclamada como solução para os problemas do 1º grau. No ano de 1979 é comemorado “O Ano Internacional da

Criança” e leva a Temática da infância aos meios de comunicação em massa; nesta época passa-se a criação oficial do Movimento de luta por creches. (I Congresso da Mulher Paulista).

No ano de 1981 é lançado o Programa Nacional de Educação Pré- escolar; com dupla estratégia: primeiro são realizados convênios entre as Secretarias Estaduais de Educação e MEC/ COEPRE, com a prioridade de expandir a pré-escola – baixo custo, grandes espaços (100 e 120 crianças), utilizando mães voluntárias; e o segundo o MOBRL5 que é 5 MOBRL MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO “convidado” a integrar o Programa Nacional, realizando atendimento ao pré. Durante os anos de 1981/1982 a educação pré-escolar se torna o programa prioritário do MEC e do MOBRL.

A Partir de 1982, das eleições municipais e estaduais diversificaram-se as políticas mas não se destina recursos humanos e financeiros necessários para uma atuação de qualidade. O MOBRL é extinto em 1985 e é criada a Fundação Educar (atende apenas adultos); a pré-escola é transferida para a Secretaria de Ensino do 1º e 2º graus (SEPS). Em 1987 é extinta a COEPRE. O Programa Pré-escolar passa a ser coordenado pela Secretaria de ensino básico do MEC, inserido no setor de ensino de 1º grau e supletivo. Com a Constituição Brasileira de 1988, há o intenso debate sobre a educação pré-escolar.

Com a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) nº 9394 de 1996, a legislação nacional passa a reconhecer que as creches e pré-escola, para crianças de 0 a 6 anos, são parte do sistema educacional – 1ª etapa da educação básica. Deixa a cargo dos Municípios e Estados a responsabilidade pela inclusão e transformação do sistema.

Percebe-se no decorrer estes anos que as instituições de educação infantil vem sofrendo significativas transformações decorrentes de um conjunto de fatores:

- A intensificação da urbanização.
- A participação da mulher no mercado de trabalho.
- As modificações na organização e estrutura familiar.
- O processo de redemocratização.

A história da educação infantil em nosso país tem, de certa forma, acompanhado a história dessa área no mundo, havendo, é claro, características que lhe são próprias. Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas infantis praticamente não existia no Brasil. No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, bebês abandonados pelas mães, por vezes filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas “rodas de expostos” existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII.

Essa situação vai se modificar um pouco a partir da segunda metade do século XIX, período da abolição da escravatura no país, quando se acentua a migração para a zona urbana das grandes cidades e surgem condições para certo desenvolvimento cultural e tecnológico e para a proclamação da República como forma de governo.

A ideia de “jardim-de-infância”, todavia, gerou muitos debates entre os políticos da época; muitos a criticavam por identificá-la com as salas de asilo francesas, entendidas como locais de mera guarda das crianças. Outros a defendiam por acreditarem que trariam vantagens para o desenvolvimento infantil, sob a influência dos escolanovistas. O cerne da polêmica era a argumentação de que, se os jardins-de-infância tinham objetivos de caridade e destinavam-se aos mais pobres, não deveriam ser mantidos pelo poder público.

Na Exposição Pedagógica, realizada em 1885 no Rio de Janeiro, os jardins-de-infância foram ora confundidos com as salas de asilo francesas, ora entendidos como início (perigoso) de escolaridade precoce. Eram considerados prejudiciais à unidade familiar por tirarem desde cedo a criança de seu ambiente doméstico, sendo admitidos apenas no caso de proteção aos filhos de mães trabalhadoras.

Nesse momento já aparecem algumas posições históricas em face da educação infantil que iriam se arrastar até hoje: o assistencialismo e uma educação compensatória aos desafortunados socialmente. Planejar um ambiente promotor da educação era meta considerada com dificuldade.

As “criadeiras”, como eram chamadas, foram estigmatizadas como “fazedoras de anjos”, em consequência da alta mortalidade das crianças por elas atendidas, explicada na época pela precariedade de condições higiênicas e materiais e – acrescentaríamos hoje – pelos problemas psicológicos advindos de inadequada separação da criança pequena de sua família.

As poucas conquistas ocorridas em algumas regiões operárias não se deram sem conflitos. As reivindicações operárias, dirigidas inicialmente aos donos de indústrias, foram sendo, com o tempo, canalizadas para o Estado e atuaram como força de pressão pela criação de creches, escolas maternais e parques infantis por parte dos órgãos governamentais. Em 1923, a primeira regulamentação sobre o trabalho da mulher previa a instalação de creches e salas de amamentação próximas do ambiente de trabalho e que estabelecimentos comerciais e indústrias deveriam facilitar a amamentação durante a jornada das empregadas.

Em 1924, educadores interessados no Movimento das Escolas Novas fundaram a Associação Brasileira de Educação. Em 1929, Lourenço Filho publicou o livro *Introdução ao estudo da Escola Nova*, divulgando as novas concepções entre os educadores brasileiros. Em 1932, surgiu o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, documento que defendia amplo leque de pontos: a educação como função pública, a existência de uma escola única e da coeducação de meninos e meninas, a necessidade de um ensino ativo nas salas de aula e de o ensino elementar ser laico, gratuito e obrigatório. As intervenções educacionais propostas seriam parte de um processo de luta pela cultura historicamente elaborada.

Entre outros pontos então discutidos nesse período de renovação do pensamento educacional estava a educação pré-escolar, instituída como a base do sistema escolar.

Outra iniciativa, de 1923, foi a fundação da Inspetoria de Higiene Infantil, que, em 1934, foi transformada em Diretoria de Proteção à maternidade e à Infância.

O governo Vargas (1930-1945), ao mesmo tempo em que resguardava os interesses patrimoniais, reconheceu alguns direitos políticos dos trabalhadores por meio de legislações

específicas, como a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, de 1943.

Embora desde a década de 30 já tivessem sido criadas algumas instituições oficiais voltadas ao que era chamado de proteção à criança, foi na década de 40 que prosperaram iniciativas governamentais na área da saúde, previdência e assistência. O atendimento fora da família aos filhos que ainda não frequentassem o ensino primário era vinculado a questões de saúde.

Entendidas como “mal necessário”, as creches eram planejadas como instituições de saúde, com rotinas de triagem, lactário, pessoal auxiliar de enfermagem, preocupação com a higiene do ambiente físico. Por trás disso, buscava-se regular todos os atos da vida, particularmente dos membros das camadas populares. Para tanto, multiplicaram-se os convênios com instituições filantrópicas a fim de promover o aleitamento materno e combater a mortalidade infantil. No imaginário da época, a mãe continuava sendo a dona do lar, devendo limitar-se a ele.

A preocupação era alimentar, cuidar da higiene e da segurança física, sendo pouco valorizado um trabalho orientado à educação e ao desenvolvimento intelectual e afetivo das crianças. Assim, de forma desintegrada, ocorria o atendimento às crianças em creches, parques infantis, escolas maternais, jardins-de-infância e classes pré-primárias.

Em 1942, o Departamento Nacional da Criança, então parte do Ministério da Educação e Saúde, criou a “Casa da Criança”. O discurso médico continuava em destaque, mas já modificado pela preocupação de certos grupos sociais com a organização de instituições para evitar a marginalidade e a criminalidade de vastos contingentes de crianças e jovens da população mais carente. Em 1953, com a divisão daquele ministério, o Departamento Nacional da Criança passou a integrar o Ministério da Saúde, sendo substituído em 1970 pela Coordenação de Proteção Materno- Infantil.

Embora os textos oficiais do período recomendassem que também as creches, além dos jardins-de-infância, contassem com material apropriado para a educação das crianças, o atendimento em

creches e parques infantis continuou a ser realizado de forma assistencialista.

Uma mudança importante havia ocorrido, no entanto, no início desse período: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 1961 (Lei 4024/61) aprofundou a perspectiva apontada desde a criação dos jardins-de-infância: sua inclusão no sistema de ensino. Assim dispunha essa lei:

Art.23 – “A educação pré-primária destina-se aos menores de até 7 anos, e será ministrada em escolas maternas ou jardins-de-infância”.

Art. 24 – “As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária”.

No período dos governos militares pós 1964, as políticas adotadas em nível federal, por intermédio de órgãos como o Departamento Nacional da Criança, a Legião Brasileira de Assistência e a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – Funabem, continuaram a divulgar a idéia de creche e mesmo de pré-escola como equipamentos sociais de assistência à criança carente.

Novas mudanças na Consolidação das Leis do Trabalho, ocorridas em 1967, trataram o atendimento aos filhos das trabalhadoras apenas como uma questão de organização de berçários pelas empresas, abrindo espaço para que outras entidades, afora a própria empresa empregadora da mãe, realizassem aquela tarefa por meio de convênios. O poder público, contudo, não cumpriu o papel de fiscal da oferta de berçários pelas empresas. Assim, poucas creches e berçários foram nelas organizados.

A nova legislação vigente sobre o ensino formulada em 1971 (Lei 5692) trouxe novidades à área, ao dispor que: “Os sistemas velarão para que as crianças de idade inferior a 7 anos recebam educação em escolas maternas, jardins-de-infância ou instituições equivalentes”.

Conceitos como carência e marginalização cultural e educação compensatória foram então adotados, sem que houvesse uma reflexão crítica mais aprofundada sobre as raízes estruturais dos

problemas sociais. Isso passou a influir também nas decisões de políticas de educação infantil.

Assim, sob o nome de “educação compensatória”, foram sendo elaboradas propostas de trabalho para as creches e pré-escolas que atendiam a população de baixa renda. Tais propostas visavam à estimulação precoce e ao preparo para a alfabetização, mantendo, no entanto, as práticas educativas geradas por uma visão assistencialista da educação e do ensino.

Nem tudo era harmonioso nesse processo. Enquanto discursos compensatórios ou assistencialistas continuavam dominantes no trabalho nos parques que atendiam filhos de operários e nas creches que cuidavam das crianças de famílias de baixa renda, propostas de desenvolvimento afetivo e cognitivo para crianças eram adotadas pelos jardins-de-infância onde eram educadas as crianças de classe média.

A referida pressão da demanda por pré-escola e os polêmicos debates acerca de sua natureza – assistencial versus educativa –, na segunda metade dos anos 70, dinamizaram as decisões na área. Em 1974, o Ministério de Educação e Cultura criou o Serviço de Educação Pré-Escolar e, em 1975, a Coordenadoria de Ensino Pré-Escolar. O Projeto Casulo foi organizado em muitos municípios brasileiros, atendendo, em período de quatro ou oito horas diárias, um número gigantesco de crianças: 300 mil crianças, com prioridade para as mais velhas, em 1981, e 600 mil crianças em 1983 (Campos, 1985).

O governo federal também se utilizou da Fundação Mobral para competir com LBA pela mesma clientela infantil. Tal fundação coordenou programas de atividades para a formação de hábitos, habilidades e atitudes que eram supervisionados por monitoras com pouca escolaridade. Iniciativas como essas, no contexto da época, serviram para amenizar desigualdades e assistir necessidades básicas, e não para promover aprendizagem.

Ao mesmo tempo, negociações trabalhistas ocorridas no período que antecedeu a elaboração da Constituição de 1988, surgiram a discussão acerca do atendimento aos filhos dos trabalhadores e resultaram em maior número de creches mantidas por empresas industriais e comerciais e por órgãos públicos para os filhos de seus funcionários, bem como na concessão, por parte de algumas

empresas, de uma ajuda de custo às funcionárias com crianças pequenas, para pagarem creches particulares de sua livre escolha.

Mesmo assim, a insuficiência do número de crianças atendidas nas creches pressionava o poder público a incentivar outras iniciativas de atendimento à criança pequena.

Eram as “mães crecheiras”, os “lares vicinais”, “creches domiciliares” ou “creches lares”, programas assistenciais de baixo custo estruturados com a utilização de recursos comunitários, tal como ocorria em muitos países do chamado Terceiro Mundo. Tais formas de atendimento, das quais a comunidade carente já lançava mão fazia tempo, constituíram alternativas emergenciais e inadequadas, dada a precariedade de sua realização.

Com o término do período militar de governo, em 1985, novas políticas para as creches foram incluídas no Plano Nacional de Desenvolvimento, elaborado em 1986.

Começava a ser admitida a idéia de que a creche não dizia respeito apenas à mulher ou a família, mas também ao Estado e às empresas. A questão foi cada vez mais incluída nas campanhas eleitorais de candidatos a prefeitos e governadores nos anos de 1985 e 1986 e no plano de governo de muitos dos eleitos.

Lutas pela democratização da escola pública, somadas a pressões de movimentos feministas e de movimentos sociais de lutas por creches, possibilitaram a conquista, na Constituição de 1988, do reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado a ser cumprido nos sistemas de ensino.

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, que determinou que 50% da aplicação obrigatória de recursos em educação fosse destinada a programas de alfabetização – em um momento, em que era defendida a alfabetização de crianças em idade anterior à do ingresso no ensino obrigatório -, houve expansão do número de pré-escolas e alguma melhoria no nível de formação de seus docentes, muitas vezes já incluídos em quadros de magistério. O filhote esquecido nessa expansão era a creche; que, embora reconhecida como instituição educacional, permanecia muito identificada com a idéia de favor e de situação de exceção.

A década de 90 assistiu a alguns novos marcos. Um deles foi a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, que concretizou as conquistas dos direitos das crianças promulgados pela Constituição. Na área da educação infantil, o debate que acompanhou a discussão de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) na Câmara de Deputados e no Senado Federal impulsionou diferentes setores educacionais, particularmente universidades e instituições de pesquisa, sindicatos de educadores e organizações não-governamentais, à defesa de um novo modelo de educação infantil.

Após a promulgação da LDB, foram criados fóruns estaduais e regionais de educação infantil como espaços de reivindicações por mais verbas para programas de formação profissional para professores dessa área. Um Referencial Curricular Nacional foi formado pelo MEC e Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil foram definidos pelo Conselho Nacional de Educação. Esses pontos, contudo, estão ainda longe de representar uma transformação das práticas didáticas em curso nas creches e pré-escolas.

Segundo o MEC (1993), “A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, embora tenha mais de um século de história, como cuidado e educação extradomiciliar, somente nos últimos anos foi reconhecida como direito da criança, das mães e dos pais trabalhadores e como dever do Estado.(...)Tradicionalmente, na educação de crianças de 0 a 3 anos predominam os cuidados em relação à saúde, higiene e alimentação, enquanto a educação das crianças de 4 a 6 anos tem sido concebida e tratada como antecipadora/preparatória para o Ensino Fundamental.

Esses fatos explicam, em parte, algumas das dificuldades atuais de lidar com a Educação Infantil na perspectiva da integração de cuidados e educação em creches e pré-escolas e também na continuidade com as primeiras séries do Ensino Fundamental. Na Constituição Federal de 1988, a educação das crianças de 0 a 6 anos, concebida, muitas vezes, como amparo e assistência, passou a figurar como direito do cidadão e dever do Estado, numa perspectiva educacional, em resposta aos movimentos sociais em defesa dos direitos das crianças. Nesse contexto, a proteção integral às crianças deve ser assegurada, com absoluta prioridade,

pela família, pela sociedade e pelo poder público. A Lei afirma, portanto, o dever do Estado com a educação das crianças de 0 a 6 anos de idade. A inclusão da creche no capítulo da Educação explicita a função eminentemente educativa desta, da qual é parte intrínseca a função de cuidar. Essa inclusão constituiu um ganho, sem precedentes, na história da Educação Infantil em nosso país. A década de 1990 iniciou-se sob a égide do dever do Estado perante o direito da criança à educação, explicitando as conquistas da Constituição de 1988. Assim, em 1990, no Estatuto da Criança e do Adolescente foram reafirmados esses direitos, ao mesmo tempo em que foram estabelecidos mecanismos de participação e controle social na formulação e na implementação de políticas para a infância. Em 1994, o Ministério da Educação coordenou a elaboração do documento de Política Nacional de Educação Infantil, no qual se definem como principais objetivos para a área a expansão da oferta de vagas para a criança de 0 a 6 anos, o fortalecimento, nas instâncias competentes, da concepção de educação e cuidado como aspectos indissociáveis das ações dirigidas às crianças e a promoção da melhoria da qualidade.

Nos documentos oficiais, percebemos o empenho e boas intenções nas propostas para a educação infantil, mas é preciso ter uma postura transdisciplinar e ir além das teorias, colocando em prática os princípios fundamentais para garantir e oportunizar a criança no seu ambiente de aprendizagem o crescimento sadio: físico, emocional e intelectual.

Legislação da Educação Infantil

A cada dia que passa a sociedade tem prestado maior atenção à Educação como um todo, e mais especialmente, à educação infantil, ou seja, a educação das crianças pequenas.

A educação infantil tem um currículo e objetivos próprios. Por meio de estudos das potencialidades e necessidades das crianças, especificam-se as formas de atuação.

A Constituição Federal (1988) estabelece em seu artigo 208, inciso IV, o “atendimento em creche e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases reitera

essa ideia e dispõe sobre as finalidades da Educação Infantil. O artigo 29 diz que:

“a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.”

Em 1998 foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil que tratam sobre as propostas pedagógicas das instituições trazendo os Fundamentos Norteadores da prática:

- a) Princípios Éticos da Autonomia, da Responsabilidade, da Solidariedade e do Respeito ao Bem Comum;
- b) Princípios Políticos dos Direitos e Deveres de Cidadania, do Exercício da Criticidade e do Respeito à Ordem Democrática;
- c) Princípios Estéticos da Sensibilidade, da Criatividade, da Ludicidade e da Diversidade de Manifestações Artísticas e Culturais.

As Diretrizes tratam também dos critérios de avaliação, da gestão democrática e da adequação das propostas conforme necessidades próprias da localidade.

Para garantir ainda mais fundamentos para a prática nas instituições, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil foi elaborado, no ano de 1999. Ele é praticamente um guia da prática pedagógica, direcionado para o professor desta etapa da Educação Básica.

O texto fala sobre a prática do cuidar e do educar em ambiente escolar e os associa como partes de um todo além de destacar a importância da verificação do contexto social das crianças.

Em 2001, seria lançado o Plano Nacional da Educação com metas a serem cumpridas até o fim do decênio. A primeira falava que se deveria alcançar a taxa de 50% das crianças entre 0 (zero) e 3 (três) anos atendidas por instituições de Educação Infantil. Porém, neste ano, que seria o ano final do prazo, a aprovação de um novo Plano Nacional de Educação está sendo discutida, onde uma das metas é que essa mesma taxa seja alcançada até o ano de 2020.

O Ministério da Educação admite que as metas são difíceis de serem alcançadas, mesmo repetindo-as, especialmente no que se refere a Educação Infantil.

Em 2010, ficam determinadas as Normas de funcionamento das unidades de Educação Infantil relacionadas à Administração Pública Federal direta, suas autarquias e fundações.

Ficam dispostas, nesse documento, regulamentações para o exercício da prática nas instituições. Ele fala sobre os critérios organizacionais como a relação de recursos humanos da unidade e a especificação do regime de funcionamento, e também dos pontos essenciais do Projeto Político Pedagógico a serem apontados pela instituição.

Legislação específica para o berçário

A Lei de Diretrizes e Bases (1996) desmembra a Educação Infantil em dois segmentos: a creche e a pré-escola. A creche se destina ao atendimento das crianças entre 0 (zero) a 3 (três) anos, enquanto a pré-escola, às de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos.

O Berçário então, seria parte da creche, sobre a qual há bem menos material legislativo do que sobre a pré-escola. Mesmo assim, há normas e metas estabelecidas pelas Diretrizes e Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e outros pareceres do Ministério da Educação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1999), já em seu início, dispõe sobre as necessidades das crianças menores de, especificamente, 12 (doze) meses de idade.

Ele apresenta as formas de agrupamento das crianças, o respeito às suas características fundamentais, e destaca os pontos fracos e fortes a respeito dos vários tipos de agrupamentos possíveis.

A Revisão das Diretrizes Curriculares (2009) trata da proporção entre crianças e adultos nos agrupamentos por idade e recomenda:

A proporção de 6 a 8 crianças por professor (no caso de crianças de zero e um ano), 15 crianças por professor (no caso de criança de dois e três anos) e 20 crianças por professor (nos agrupamentos de crianças de quatro e cinco anos).

Também dispõe sobre a necessidade da parceria das instituições com as famílias para que seja possível “integrar as ações e projetos educacionais das famílias e das instituições”.

A legislação não aponta um número máximo de crianças por sala, o que pode ser fator comprometedor da qualidade do trabalho realizado. No caso específico do Berçário, não ter um número máximo de crianças gera ainda a possibilidade da insegurança de que os padrões de cuidados com a saúde das crianças sejam mantidos, pois a grande quantidade de pessoas no ambiente pode aumentar os riscos da propagação de doenças (RIZZO, 2010).

Vitta e Emmel (2003) apontam ainda que: *“os documentos oficiais que versam sobre educação infantil, pouco discutem a fase de 0 a 18 meses, deixando imprecisa a relação entre as atividades de cuidado e seu papel educacional.”*

Essa inexatidão no discurso oficial gera ainda mais dúvidas nas formas de atuação dos profissionais na prática. Segundo Barros (2011):

“do nascimento até os 3 anos de idade, vive-se um período crucial, no qual se formam mais de 90% das conexões cerebrais, graças à interação do bebê com os estímulos oriundos do ambiente em que vive”

Por isso, é fundamental que exista uma maior atenção e preocupação com essa etapa da Educação.

A Profissão

Até os 18 (dezoito) meses, as crianças precisam de atenção e necessidades muito diferenciadas das crianças maiores de 2 (dois) anos. Para elas, o cuidado é parte fundamental de seu crescimento e necessário para a sua educação.

Turmas por faixa etária

DISTRIBUIÇÃO DAS CRIANÇAS POR FAIXAS ETÁRIAS NA ED. INFANTIL



- **BERÇÁRIO I: de 4 meses a 1 ano de idade.**
- **BERÇÁRIO II: 1 e 2 anos de idade.**
- **MATERNAL I: 2 e 3 anos de idade.**
- **MATERNAL II: 3 e 4 anos de idade.**
- **JARDIM I: 4 e 5 anos de idade.**
- **JARDIM II: 5 e 6 anos de idade.**
- **JARDIM III: 6 anos de idade.**

O profissional que lida com crianças dessa faixa etária deve conhecer suas peculiaridades e possibilidades para que consiga estimulá-las de maneira mais favorável.

O profissional Berçarista é responsável por auxiliar na higiene, banhos e alimentação das crianças recém-nascidas. Esta profissão está crescendo cada vez mais, porém, existem poucos cursos especializados na área.

Devido à formação pouco voltada para essa área (berçário), a maioria dos profissionais trabalha com os conhecimentos que adquire na própria prática pedagógica ou até mesmo em seu cotidiano fora da escola, junto às crianças de sua família e comunidade.

Geralmente os profissionais berçaristas atuam em instalações de pré-escola ou creches públicas ou particulares, escolas de ensino especial, instituições religiosas, locais de trabalho em que os empregadores prestam assistência para os filhos dos funcionários,

e em alguns edifícios privados. Alguns centros de cuidados infantis contratam profissionais para trabalhar tempo integral, com turnos alternados para cobrir o dia inteiro.

Há quem diga que o trabalho de berçarista é rotineiro, porém, há sempre novos desafios e atividades que marcam cada dia.

Assim como outras profissões, o trabalho pode ser cansativo, principalmente em creches, onde o profissional costuma ficar longos períodos em pé, andar, inclinar-se e levantar para auxiliar cada criança. Cuidar de crianças é um trabalho que envolve muita paciência e dedicação, mas o amor recebido não tem comparação.



Responsabilidades do berçarista:

- Observar e monitorar as crianças;
- Acompanhar as atividades infantis;
- Registrar as observações diárias de cada criança, como informações sobre as atividades, medicamentos administrados e refeições servidas;
- Auxiliar a criança em todas as questões de saúde e hábitos pessoais, como higiene, descanso, hora de comer, etc.
- Auxiliar na seleção e preparação das refeições para as crianças;
- Auxiliar as crianças com as refeições, servir bebidas e regular os períodos de descanso;
- Organizar o ambiente e os materiais em áreas de atividade;
- Cantar e ler para os bebês;
- Dependendo da idade, ensinar para as crianças noções de desenho, pintura e outras atividades interessantes para seu desenvolvimento;

- Sob orientação profissional, administrar medicamentos simples quando solicitado;
- Esterilizar garrafas e preparar alimentos;
- Organizar e participar de atividades recreativas, como brincadeiras e jogos;
- Trocar fraldas e vestir as crianças;
- Oferecer aconselhamento aos pais das crianças quanto a suas demandas;
- Higienizar brinquedos e equipamentos de jogo;
- Auxiliar no desenvolvimento emocional e no apoio social às crianças, incentivando a compreensão dos outros e o autoconhecimento por parte das crianças;
- Identificar sinais de problemas emocionais ou de desenvolvimento em crianças e informar aos pais ou tutores.
- Muitas vezes é necessário realizar tarefas domésticas, como lavanderia, limpeza, e lavagem de roupas.

Habilidades e Competências



O profissional berçarista tem responsabilidades especiais para trabalhar com bebês, e deve passar tanto para a criança, quanto para os pais, confiança e segurança. Os bebês devem se sentir amados, cuidados e seguros.

Também deve auxiliar no desenvolvimento e conhecimento, e incentivar as habilidades individuais e sociais de cada criança.

Objetivos do profissional berçarista:

- Oferecer um ambiente seguro e estimulante para cada criança;**
- Organizar e supervisionar atividades lúdicas e de trabalho, como por exemplo, leituras, música, culinária, etc.**
- Manter registro de cada criança, anotando sempre suas características e evolução;**
- Manter uma comunicação com os pais/tutores e sempre informar como foi o dia de cada criança;**

O profissional deve ter muita energia, e ter criatividade para estimular todo o potencial de cada criança. Como já falamos, trabalhar com crianças exige paciência, amor e muito comprometimento.

Qualquer pessoa que tenha interesse em ingressar na atividade de berçarista deve ter noção da responsabilidade que terá.

O processo ensino-aprendizagem se dá logo nos primeiros anos de vida, ou melhor, se inicia já no momento do nascimento. Então é muito importante que o berçarista apresente brincadeiras, leituras, música e jogos lúdicos.

Dentre as competências principais para a função de berçarista destacam-se: paciência, criatividade, responsabilidade, desenvoltura, adaptabilidade, e bom senso de humor.

Os profissionais que trabalham com bebês devem estar dispostos a aceitar a responsabilidade pelo bem-estar e segurança das crianças sob seus cuidados. Também é fundamental ter boa comunicação e capacidade de se relacionar bem com todos, tanto com as crianças, quanto com os pais e outros profissionais da creche ou do estabelecimento em que trabalha.

Características

Muitos não sabem, mas o trabalho de um profissional de berçário não é tão simples e fácil. É inclusive uma atividade complementar ao trabalho dos pais.

O berçarista está numa posição poderosa e influente, porque está lidando com crianças que irão crescer e aprender. Por isso, o profissional deve ser adequadamente preparado para o trabalho.

Existem algumas características importantes para ter sucesso na profissão. Em primeiro lugar, é fundamental que o profissional seja amigável. Seu comportamento deve ser alegre e acessível. As crianças necessitam de cuidados específicos, principalmente os recém-nascidos. Assim, todas as funções do profissional berçarista devem ser realizadas de um jeito alegre e simpático, passando esse bom humor para as crianças.

Há pessoas que parecem ter uma habilidade natural para fazer as crianças se sentirem à vontade e atraídas por elas. Esta característica é fundamental em um profissional de cuidados infantis. É normal acontecer da criança começar a chorar quando o berçarista chega perto, porém, se for constante, não passa uma boa impressão. É importante que a criança sinta-se à vontade ao seu lado.

O profissional berçarista também deve ter sensibilidade para lidar com determinadas situações, como por exemplo, o choro. O ditado "a paciência é uma virtude" pode se aplicar perfeitamente à esta profissão.

Isso também é importante para alguns casos específicos, onde as crianças podem apresentar algumas necessidades especiais, como no caso de crianças com algum tipo de deficiência física ou cognitiva.

Em alguns casos o profissional também precisará ter a capacidade de manter a calma em situações de crise, por isso, novamente conseguimos entender a importância da paciência.

Você também deve estar preparado com técnicas criativas para sair de situações problemáticas, e para resolvê-las, apesar dos altos e estridentes gritos das crianças.

A criatividade é importante por diversos motivos. Para criar atividades divertidas e atraentes para as crianças, é importante ser criativo. O profissional berçarista sempre deve aparecer com novas ideias, diferentes atividades e brincadeiras desafiadas, pois as extensões de atenção das crianças são bastante curtas.

E claro, para acompanhar e participar das atividades com alegria, o profissional berçarista também deve ter muita energia.

Outra característica fundamental para essa profissão, é ter um profundo senso de compreensão das crianças, não importa quantos bebês e quantas situações estressantes encontrem.

É preciso também, que o profissional seja sensível o suficiente para detectar um problema na criança cuidada.

Outra característica importante é a boa comunicação. Saiba conversar com os pais quando for necessário. Se precisar, pergunte, não tenha medo ou vergonha. Os pais vão querer saber como é a rotina da criança no berçário, e ficarão felizes se você fazer perguntas, pois estará demonstrando interesse e preocupação. Então, anote mais essa característica importante para obter sucesso na profissão de berçarista: ser capaz de se comunicar constantemente com os pais sobre a criança, deixando-os a par de tudo.

Os profissionais berçaristas que tomam a iniciativa de compartilhar as preocupações e sugestões com os pais serão certamente capazes de construir um relacionamento positivo com os pais, e serão também, muito apreciados.

É claro que nem todas as pessoas já nascem com essas características e habilidades, mas saiba que é possível aprender qualquer habilidade. Ou seja, não é algo imutável. Se você gosta de crianças e realmente deseja obter sucesso nessa profissão, é importante aprender a ser flexível, mudar, e buscar melhorias a cada dia. Se você se considera uma pessoa paciente, calma, carinhosa, e tem amor por crianças, saiba que está no caminho certo.

A qualidade do acolhimento de crianças realmente depende da interação entre o berçarista e a criança. Isso necessita de alguém que tenha a capacidade de se concentrar em uma criança, quanto a suas demandas e suas necessidades.

O berçarista pode atuar em creches e centros comunitários, escolas, hospitais e casas particulares. Já falamos resumidamente sobre algumas habilidades importantes para ser um bom profissional, porém, agora, você verá detalhadamente a importância de cada característica:

Amor

Como trabalhar com crianças? É simples, basta amar o que faz. É preciso um tipo especial de personalidade para se conectar com os bebês e estabelecer um relacionamento amoroso com eles. O profissional deve gostar de fazer as coisas que as crianças gostam, como, por exemplo: jogar, brincar, explorando sempre o seu lado criativo.

-Os melhores berçaristas conseguem encontrar esse equilíbrio, entre fazer as coisas para as crianças e ajudá-las a aprender a fazer por si mesmas. Sorrir, brincar no chão, e mostrar afeto sincero, são atitudes essenciais.

Paciência

Já falamos e ainda falaremos muitas vezes dessa característica tão importante no cuidado de crianças. São poucas as pessoas que já nascem calmas e pacientes, mas se você desejar se tornar um profissional berçarista, saiba que deverá desenvolver essa habilidade.

O profissional provavelmente terá sua paciência testada diariamente, seja trocando mais uma fralda ou lendo a mesma história pela décima vez. Ou até mesmo quando está tentando colocar o sapatinho de uma criança, tentando fazê-la dormir, etc. Ter paciência, calma e amor, são características essenciais para a prestação de cuidados infantis de qualidade, para não mencionar a proteção de sua sanidade. Se pequenas coisas rotineiramente agravarem sua calma, provavelmente esta não é a melhor escolha de carreira.

Competência

Não importa qual seja a área de atuação, um educador incompetente é sempre um profissional incompetente. Competência para o berçarista é fundamental para reconhecer e cuidar das necessidades das crianças.

Ajudar em todos os cuidados, fazer as coisas com qualidade, cuidar e educar, são funções importantes para o profissional que atua no berçário. Um berçarista competente pode auxiliar a criança em seu processo de desenvolvimento intelectual.

Flexibilidade

A atividade de cuidar das crianças é caracterizada, muitas vezes, por rotinas, horários fixos e previsibilidade. Mas um bom profissional sabe que trabalhar com crianças é algo cheio de surpresas. É preciso de flexibilidade para se adaptar à qualquer situação, seja ela boa ou não. O profissional flexível deve estar sempre preparado para lidar com as crianças doentes, visitas à emergência, sonecas perdidas ou idas ao toalete para interromper a rotina diária no momento mais inoportuno.

O profissional deve ser capaz de lidar com crises inesperadas com calma, paciência e sempre com um sorriso no rosto, além de flexibilidade suficiente.

Boa comunicação

A comunicação é uma habilidade essencial para várias profissões, mas o berçarista deve ter em mente que ter essa característica é fundamental para obter sucesso.

O profissional deve ser capaz de trocar ideias suavemente com bebês e crianças pequenas, além de ter uma boa comunicação com os pais.

Você precisa dominar a comunicação com as crianças sob seus cuidados em seu nível, isto é, dialogando de forma que a criança entenda. E, você deve ser capaz de falar com os pais, regularmente, para garantir que ambos estejam na mesma sintonia sobre o cuidado de seus filhos.

Senso de humor

De acordo com estudos, os adultos riem e sorriem com muito menos frequência do que as crianças. Então, por que não aprender com elas e sorrir mais? O profissional berçarista deve ser capaz de aplicar bom humor, até mesmo nas situações mais difíceis. O bom humor tem um efeito positivo em um ambiente de acolhimento de crianças.

O berçarista não pode ficar chateado ou triste quando a criança fizer algo errado. O profissional deve ter senso de humor, rir da situação, e assim, se aproximar mais da criança. Esta importante qualidade permite-lhe fazer com que as crianças se sintam à vontade com elas mesmas.

Ser amigável

A simpatia é uma característica importante em qualquer profissão, mas quando estamos falando de trabalhar com crianças, saiba que é de extrema importância ser uma pessoa simpática. A partir da perspectiva de um pai, essa característica é uma das mais desejáveis. Afinal, nenhum pai vai querer deixar seus bebês aos cuidados de alguém antipático, não é mesmo?

Sempre cumprimente a criança e os pais com um belo sorriso e um “bom dia, boa tarde ou olá” simpático quando eles chegam.

Ser simpático não é apenas uma questão de educação, mas também uma forma de ajudar no desenvolvimento da criança. A personalidade das crianças é, em grande parte, formada em uma idade jovem, então ser um educador simpático é uma maneira de construir uma atitude de otimismo, além de uma identidade amigável.

Cuidados com Recém-Nascidos



Os recém-nascidos necessitam de cuidados diferenciados. E para trabalhar como berçarista, é fundamental ter noção de técnicas de manipulação com os bebês. Veja algumas dicas importantes:

— Antes de manusear o recém-nascido, lave muito bem as suas mãos. Os bebês ainda não têm um sistema imunológico forte, por isso são suscetíveis à infecção. Garante que suas mãos estejam limpas ao lidar com bebês, principalmente, recém-nascidos.

— Cuidado quando for segurar o bebê, principalmente na hora de apoiar a cabeça e o pescoço da criança.

— Quando transportar o bebê, sempre se de apoiar a cabeça sempre, uma vez que os recém-nascidos não têm sustentação corporal.

— Segure o bebê de forma delicada, e tenha cuidado para não apertar o recém-nascido. Além disso, cuidado para não balançar, nem agitar o bebê, pois fazendo isso é possível provocar hemorragia no cérebro e até mesmo causar a morte da criança.

— Para acordar os bebês, faça cócegas nos pés. Evite qualquer atividade que possa ser muito áspera, rápida ou saltitante. Entenda que o recém-nascido não está pronto para movimentos rudes, então, trate-o com delicadeza e sutileza.

Técnicas para acalmar crianças

— Embale o bebê e faça carinhos de forma suave;

— Segure o recém-nascido no colo enquanto o alimenta;

Alguns bebês podem responder a massagem infantil de forma positiva.

Alguns tipos de massagem podem melhorar o humor da criança e ajudar no crescimento e desenvolvimento infantil.

Porém, tenha cuidado: os bebês são frágeis, então é preciso massagear o bebê com delicadeza.



— Os bebês adoram sons vocais, como falar, cantar e balbuciar. Colocar uma música calminha, falar com a voz doce ou cantar pode ajudar a acalmar o bebê. O chocalho também é uma boa maneira de estimular a audição do bebê e em contrapartida, acalmá-lo.

— O berçarista deve cantar, recitar poesias e rimas, ou até mesmo ler em voz alta. Isso é muito importante para acalmar até mesmo para os bebês recém-nascidos. Embora não pareça, as crianças são estimuladas mesmo antes de saber ler ou escrever, por isso contar histórias e cantar músicas é fundamental para seu desenvolvimento. Porém alguns bebês podem ser mais sensíveis ao som. Eles podem se assustar facilmente, ou virar o rosto quando alguém fala ou canta para eles. Se for esse o caso com o bebê sob seus cuidados, mantenha os níveis de ruído e luz baixos e moderados.

— Além do som, alguns bebês também podem ser mais sensíveis ao toque ou à luz. Eles podem se assustar facilmente e dormir menos do que o esperado, por isso é tão importante conhecer e respeitar as características de cada criança.

Outra técnica para acalmar as crianças é utilizar os paninhos quentes. Essa técnica funciona bem para alguns bebês, durante suas primeiras semanas. Eles não só mantêm o bebê aquecido, como parece que a maioria dos recém-nascidos tem uma sensação de segurança e conforto. Porém, tenha muito cuidado! Os bebês nunca devem ser enrolados em cobertores sem a supervisão de um adulto. Isso porque, nesta idade, os bebês

podem se enrolar ainda mais no pano, o que aumenta o risco de Síndrome da Morte Súbita Infantil (SMSI).



Veja abaixo, um artigo muito interessante do Dr. Drauzio Varella que explica um pouco mais sobre este tema:

Síndrome da morte súbita infantil

Drauzio Varella

Poucas causas de morte são tão misteriosas e traumáticas para as famílias, quanto as que acontecem durante o sono de bebês aparentemente saudáveis.

Também chamada de síndrome da morte súbita do lactente, ela é definida como o óbito inesperado de um bebê no qual a autópsia não consegue apontar a causa.

Não está claro se a morte ocorre durante o sono ou nos períodos de transição entre sono e vigília, que se sucedem durante a noite. O que se sabe é que o pico de incidência está entre dois e quatro meses de idade, que é mais comum em meninos, que colocar a criança para dormir de barriga para baixo (em pronação) aumenta sobremaneira o risco e que a ocorrência depois dos 6 meses de idade é rara.

Nos países industrializados, o reconhecimento de que deitar de bruços mais do que triplica o risco, deu origem a campanhas para que os pais colocassem os bebês para dormir de barriga para cima (posição supina). Esse cuidado simples diminuiu o número de óbitos em mais de 50%.

No Brasil, o costume de deitar os bebês de lado, posição que protege mais do que deixá-los de bruços, mas menos do que se estivessem de barriga para cima, explica por que a incidência é mais baixa: 5 a 10 em cada 10 mil crianças nascidas.

Além da posição ao dormir, podem servir de gatilho para disparar a síndrome: 1) a asfixia por compressão das vias aéreas ou inalação excessiva do gás carbônico exalado na posição com o rosto para baixo; 2) a hipertermia causada pela compressão da face contra o travesseiro ou o colchão; 3) o nascimento prematuro e a imaturidade dos mecanismos cardiorrespiratórios e de controle térmico.

Essas condições tornariam o recém-nascido mais vulnerável ao estresse provocado pela falta de oxigênio. No entanto, a síndrome pode surgir mesmo em bebês que não apresentam essas características.

Estudo recente mostrou que 85% dos casos acontecem com crianças que dormem de barriga para baixo ou compartilham o leito com outras pessoas. Deitar em pronação em colchões e travesseiros macios aumenta 20 vezes o risco. Os processos infecciosos característicos dos primeiros meses de vida também parecem aumentar a probabilidade.

Bebês excessivamente agasalhados, que dormem em quartos muito aquecidos, correm perigo maior quando colocados com a face para baixo, porque a face é uma fonte importante de eliminação do calor nas crianças. Nesses casos, supõe-se que o estresse causado pelo aumento de temperatura leva à diminuição da frequência cardíaca e à inibição letal do centro respiratório.

Estão associadas com a síndrome algumas características genéticas envolvidas no controle involuntário (autônomo) das funções cardíacas e respiratórias, no equilíbrio energético e na resposta às infecções.

Bebês submetidos a condições como pobreza, exposição ao fumo, álcool e drogas ilícitas na vida intrauterina, ou à fumaça do cigarro depois do nascimento, são especialmente propensos.

A síndrome envolve uma convergência de fatores que resultam em asfixia dos bebês vulneráveis, portadores de sistemas

cardiorrespiratórios e mecanismos de despertar imaturos e ainda mal integrados.

Uma preocupação dos pais que tiveram a infelicidade de perder um filho nessas condições, é com a probabilidade da síndrome se repetir num nascimento futuro. Embora nesses casos o risco seja mais alto, ele é mínimo: a estimativa é que a chance do irmão sobreviver seja da ordem de 99,6%.

Para a prevenção devem ser adotadas as seguintes medidas:

- 1) Evitar que o bebê durma de barriga para baixo ou de lado, dar preferência à posição supina;
- 2) Não agasalhar excessivamente e manter o quarto ao redor de 22° C;
- 3) Não usar colchões e travesseiros muito macios;
- 4) Dormir no mesmo quarto, mas sem compartilhar o leito com a criança;
- 5) Não tomar bebidas alcoólicas nem fumar durante a gravidez;
- 6) Jamais expor o bebê à fumaça de cigarro.

Banho

No começo pode parecer uma tarefa difícil, mas depois com a prática, você verá que o banho será um momento divertido e muito fácil.

O ideal é sempre utilizar produtos recomendados para a faixa etária, tanto o tipo de produto, quanto a quantidade. O excesso de produto, como sabonetes e shampoos pode deixar a pele do bebê ressecada.



Em relação à frequência do banho, é importante analisar de acordo com a temperatura do local. Não há nenhum problema em dar banho no bebê todos os dias, se não tiver muito frio, é claro. O banho deixa o bebê fresquinho e ajuda a acalmá-lo também.

E depois, com o tempo, os banhos se tornarão mais frequentes, principalmente quando o bebê começar a engatinhar ou andar. É fundamental manter as mãos e o rostinho do bebê sempre limpos. Não dê banho nos bebês logo após a alimentação, pois ele pode regurgitar.

Você vai precisar separar os seguintes itens antes de banhar o bebê:

- uma banheira de bebê com 2 a 3 centímetros com água morna. Utilize uma banheira não muito profunda, isso facilitará o manuseio da criança
- sabonete suave e xampu de bebê
- um pano macio e limpo
- toalha
- escova macia para estimular o couro cabeludo do bebê

Antes de banhar o bebê, é necessário testar a temperatura da água. Para isso, sinta a água com a parte interna de seu cotovelo ou o pulso.

Para um banho de esponja, opte por uma sala quente e uma superfície plana, como uma mesa de troca, piso ou contador.

A maioria dos pediatras indica o banho desde o nascimento, porém, os primeiros banhos devem ser suaves e rápidos. Primeiramente, garanta que a água na banheira não tenha mais do que 10cm de profundidade. Para banhar o bebê, utilize uma de suas mãos para segurar a cabeça, e a outra mão para guiar o bebê. Suavemente, abaixe lentamente o bebê até que ele se encaixe dentro da banheira.



Para lavar seu rosto e cabelo, utilize um paninho. Massageie, se forma suave, couro cabeludo do bebê com as pontas dos seus dedos ou com uma escova macia especial para bebês, incluindo a área sobre as fontanelas (moleiras) no topo da cabeça.

Para limpar os olhos do bebê, utilize um pano umedecido apenas com água, e comece limpando a partir do canto interno para o canto externo. Utilize um canto limpo do pano para lavar o outro olho.

Limpe o nariz e as orelhas do bebê com a toalha. Em seguida, molhe o pano novamente e, usando um pouco de sabão, lave seu rosto suavemente e depois seque.

Usando um pano úmido e sabão, lave delicadamente o resto do corpo do bebê, cuidando principalmente das dobrinhas, atrás das orelhas, no pescoço e na área genital.

Durante todo o banho, despeje água regular e suavemente sobre o corpo do bebê para que ele não fique com frio.

Após lavar, verifique se cada área está completamente seca.

Envolva o seu bebê em uma toalha imediatamente, certificando-se de cobrir sua cabeça.

Depois, aplique um creme hidratante específico para a pele do bebê, coloque a fralda e sua roupinha.

Você nunca deve deixar o bebê sozinho. Se você precisa sair, enrole o bebê em uma toalha e leve-o com você.

Fraldas

O uso de panos ou de fraldas descartáveis é uma dúvida bastante comum dos berçaristas. Mas, independente da opção que você escolher, é preciso saber que o bebê irá sujar as fraldas muitas vezes por dia. Apesar das fraldas descartáveis serem mais práticas, o uso dos panos é muito mais adequado para o meio ambiente. Então, escolha com sabedoria.

O local para limpar o bebê, dar banho e trocar as fraldas deve ser um ambiente apropriado para isso, sempre limpo e organizado. Veja abaixo um exemplo:

Antes de fazer a troca de fraldas, verifique se todos os itens necessários estão ao seu redor. Você vai precisar de:

- fraldas limpas
- pomada anti assadura
- lenços umedecidos ou pano limpo e recipiente com água quente para limpá-lo

Sempre que a fralda sujar, é necessário trocá-la.

Use a água e o pano, ou os lenços umedecidos para limpar suavemente a área genital do bebê.

Ao remover a fralda de um menino, é necessário fazê-lo com cuidado, pois a exposição ao ar pode fazê-lo urinar.

E ao remover a fralda de uma menina, o certo é limpá-la de frente para trás, isto é, da vagina em direção ao ânus, para evitar uma infecção urinária.

Lembre-se sempre de lavar muito bem as mãos antes e depois de trocar as fraldas. Caso seja necessário prevenir ou curar uma erupção, aplique uma pomada específica. Uma preocupação comum dos berçaristas é a assadura. Geralmente a erupção é

vermelha e irregular, e some em poucos dias com banhos quentes, um pouco de creme de fralda, e também um pouco de tempo fora da fralda.

A maioria das erupções acontece porque a pele do bebê é muito sensível e fica irritada com a fralda molhada ou com cocô. É importante verificar constantemente se a criança evacuou ou não.

Dicas para prevenir ou curar assaduras:

— Trocar a fralda com bebê sempre que necessário. Assim que sujar, não espere, troque imediatamente.

— Após limpar a área com água e sabão neutro, aplique uma pomada contra assadura. Cremes com óxido de zinco são preferíveis porque eles formam uma barreira contra a umidade;

— Se a assadura continuar por mais de três dias ou piorar, informe os pais da criança. Isso pode ser causado por uma infecção fúngica que exige receita médica;

— Deixe o bebê sem fraldas parte do dia, para a pele respirar;

— Se você optar por usar fraldas de pano, lave-as em detergentes neutros e sem perfume;



Cordão Umbilical

O cordão umbilical, antes do nascimento, era o principal meio de transporte de nutrientes e oxigênio para o bebê. Depois de nascer, o cordão é cortado em um pequeno pedaço de 2 a 3 cm mais ou menos. Após 10 a 21 dias, este coto fica preto e cai, dando lugar a uma ferida que cicatriza em 10 dias, mais ou menos, dependendo da criança.

Para trabalhar com recém-nascidos, é fundamental saber cuidar do coto umbilical. É importante mantê-lo limpo e seco, para evitar a proliferação de bactérias. Grande parte dos pediatras no Brasil indica a utilização do álcool 70% para ajudar na higiene.

Sono



As crianças recém-nascidas, no geral, dormem por períodos de 2-4 horas ininterruptamente. Isso porque o sistema digestivo dos bebês é tão pequeno que eles precisam de alimento a cada poucas horas e devem ser despertados, caso não tenham sido alimentados por 4 horas (ou mais frequentemente, se sob prescrição médica).

Assim como os adultos, os bebês precisam desenvolver seus próprios padrões de sono. Então, se o bebê parece saudável e está ganhando peso, não há com o que se preocupar.

O risco de acidentes durante o sono pode reduzir se você colocar os bebês de costas para dormir. Além disso, remova travesseiros muito macios, colchas, lençóis macios, bichinhos de pelúcia e outros objetivos, para garantir que o bebê não sufoque.

Lembre-se também de alternar a posição da cabeça do bebê a cada período de sono (primeiro à esquerda, depois à direita, e assim por diante).

Os berçaristas também devem manter as luzes baixas, por exemplo, usando uma lâmpada de baixa voltagem. Isso faz com que o ambiente pareça mais familiar e seguro e familiar para o bebê.

Essas foram algumas recomendações, mas lembre-se de que a prática irá tornar qualquer trabalho mais fácil e agradável. É normal se sentir ansioso nos primeiros dias, principalmente se você está iniciando agora na área. Porém, trabalhar com crianças recém-nascidas é muito gratificante, e em poucas semanas você conseguirá criar uma rotina de profissional. Se você tiver alguma dúvida ou preocupação, entre em contato com um médico pediatra!

Alimentação



A alimentação é muito importante, independente da idade. Porém, quando se trata de recém-nascidos, é preciso ter um cuidado extra. Nesta fase da vida, os bebês devem ser alimentados com leite materno, então nestes casos, não raro, o berçário faz um estoque de leite da mãe para fornecer regularmente à criança.

Já a alimentação de crianças mais velhas pode ser feita a base de papinhas e frutas, sempre seguindo orientação dos pais. Em todos os casos, a alimentação deve ocorrer de 3 em 3 horas.

O momento da refeição é muito importante para a criança, e isso poderá ajudá-la a manter hábitos saudáveis no futuro. Os alimentos devem ser servidos em temperatura adequada para a criança. Não sopre o alimento, por causa da ampla disseminação de micro-organismos. Se for necessário, incentive a própria criança a soprar sua comida, mas o ideal é ensiná-la a esperar um pouquinho até que o alimento esteja na temperatura adequada para ser ingerida.

A alimentação é muito importante, pois é a partir dela que se inicia o crescimento e o desenvolvimento. Além disso, hábitos adquiridos no decorrer da infância e da adolescência são fáceis de serem mantidos na vida adulta e durante o envelhecimento.

Aleitamento Materno

O Aleitamento materno é a primeira alimentação da criança. Segundo o Ministério da Saúde (MS) deve ser exclusivo até o 6º mês de vida. A partir de então, tem início à introdução da alimentação complementar. O aleitamento pode ser mantido até o 2º ano de idade.

Água

As crianças têm maior necessidade de beber água do que os adultos, pois têm maior percentual de água corporal. O corpo da criança é composto de 80 % de água, enquanto o de um adulto é apenas 65 % de água. Porém, nos primeiros meses de vida e durante o aleitamento materno, não é necessário dar de beber água ao lactente. Porém, se a criança faz uso de aleitamento artificial, é recomendado fornecer água (filtrada ou fervida).

Depois de indicado o desmame, é importante incluir água na dieta do bebê em uma quantidade equivalente ao peso de uma das refeições. Beber água é muito importante, principalmente nos meses de calor, devido à perda de líquidos.

Para que a criança tenha uma boa hidratação, é importante acostumá-la desde cedo a beber água. Esse hábito faz parte do processo educativo dirigido ao cuidado do corpo.

Quanto de água a criança deve beber?

Os lactentes até 06 meses de vida, com um peso médio de 5,4 kg, precisam beber entre 750 e 850 ml de água por dia.

De 06 meses até 1 aninho, entre 950 e 1.100 ml de água por dia.

Quando o bebê completar 1 ano de vida, o recomendado é entre 1.150 e 1.300 ml por dia.

Do primeiro ano até os 10, o recomendado é de 4 a 6 copos de água por dia, ou seja, um litro e meio.

Arroto

Alguns bebês podem ficar agitados durante a alimentação, e em muitos casos, tendem a ter refluxo gastroesofágico. Nestes casos, tente fazer o bebê arrotar 5 minutos depois da alimentação.

O próprio bebê dá indícios da necessidade de ser colocado para arrotar. Se a criança começa a ficar agitada, chorar e arquear o corpo para trás, pode ser um indício que tem ar aprisionado na barriga causando desconforto. É sempre importante prestar atenção na forma como o bebê reage para colocá-lo para arrotar.

Estratégias de arrotos:

- Coloque o bebê sentado em seu colo. Apoie o peito do bebê e sua cabeça com uma mão embalando o queixo do bebê na palma da sua mão e descansando a palma de sua mão sobre o peito do bebê (cuidado para segurar o queixo do bebê, não a garganta). Utilize a outra mão para acariciar gentilmente as costas do bebê;
- Segure o bebê na posição vertical com a sua cabeça em seu ombro. Apoie a cabecinha do bebê no seu ombro e massageie levemente suas costas.
- Deite o bebê virado para baixo em seu colo. Apoie a cabeça do bebê, e massageie suavemente suas costas;
- Se o bebê não arrotar depois de alguns minutos, mude a posição e tente arrotar por mais alguns minutos antes de alimentá-lo novamente. Sempre fazer arrotar quando o tempo de alimentação é longo, sendo assim, mantenha a criança na posição vertical por pelo menos 10-15 minutos.

Até quando preciso colocar o bebê para arrotar?

A partir dos 4 meses de vida, o aparelho digestivo do bebê já está mais amadurecido, o que faz com que os problemas com as cólicas, gases e arrotos diminuam. Após a introdução de alimentos sólidos, preferencialmente após os 6 meses, não será preciso se preocupar ou planejar em como fazer o bebê arrotar, eles passarão a arrotar sozinhos após as refeições e mamadas.



Leitura

A leitura proporciona diversos benefícios nas diferentes fases da vida. E ler para os bebês é de extrema importância para seu desenvolvimento. Nessa fase, chamada de primeira infância, as estruturas cerebrais ainda estão sendo formadas e os estímulos vindos dos livros ajudam muito no desenvolvimento dos pequenos.



Mas se o bebê ainda não fala, por que é importante ler para ele?

A leitura em voz alta proporciona uma série de benefícios após o nascimento do bebê.

Conheça alguns:

- Desenvolvimento da compreensão auditiva, determinante para a futura compreensão de texto.
- Treinamento da memória auditiva de curto prazo.
- Enriquecimento do vocabulário e contato com frases mais extensas e estruturas sintáticas menos comuns na linguagem oral. Livros sem palavras ou com uma linguagem muito prosaica obviamente não proporcionam esses benefícios.
- Entendimento progressivo de que a palavra escrita representa a palavra falada, fator determinante para um posterior sucesso em leitura.
- Aquisição do gosto pelos livros e pela leitura.
- Crianças expostas a leitura desde cedo tendem a ter um melhor desempenho em leitura e compreensão de textos no futuro.

É claro que todos esses benefícios irão depender da frequência da leitura, da qualidade da interação verbal realizada e também da forma que a pessoa irá ler.

Menos de 1 ano

Os livros mais indicados são os com contrastes em preto e branco, pois prendem a atenção dos bebês. Nesses primeiros meses de vida, a visão dos bebês ainda é limitada e precisa ser estimulada. Opte também por livros com texturas, figuras coloridas, e ilustrações de animais para despertar a atenção do bebê. Outra opção é ler livros com fotos de bebês, que podem ser usados também para a ampliação do vocabulário de escuta. Nomeie cada parte do rosto dos bebês (nariz, boca, olhos, testa, queixo, etc.) e aponte a seguir a parte correspondente no rosto dele. Diga, por exemplo: “Veja o nariz do bebê. Você também tem um nariz. Veja os olhos do bebê. Você também tem olhos”.



Durante a leitura, interaja verbalmente com o bebê. Leia um trecho da história, apontando para as ilustrações. Mantenha tanto quanto possível o contato visual. Para chamar atenção, abuse de gestos e modulações da voz.

Perceba que o bebê responderá à leitura com um contato visual, movimentando o corpo ou balbuciando algo. E é assim que os bebês “conversam”. E embora ainda não sejam capazes de responder com palavras, isso é uma prova de que estão atentos.

Os livros cartonados, de pano ou de plástico são os mais indicados para os bebês, pois são mais fáceis de manusear. Um bebê ainda não é capaz de folhear um livro com páginas de papel de baixa gramatura, mas pode fazê-lo tranquilamente com um livro cartonado. Para facilitar o manuseio, opte por livros pequenos.

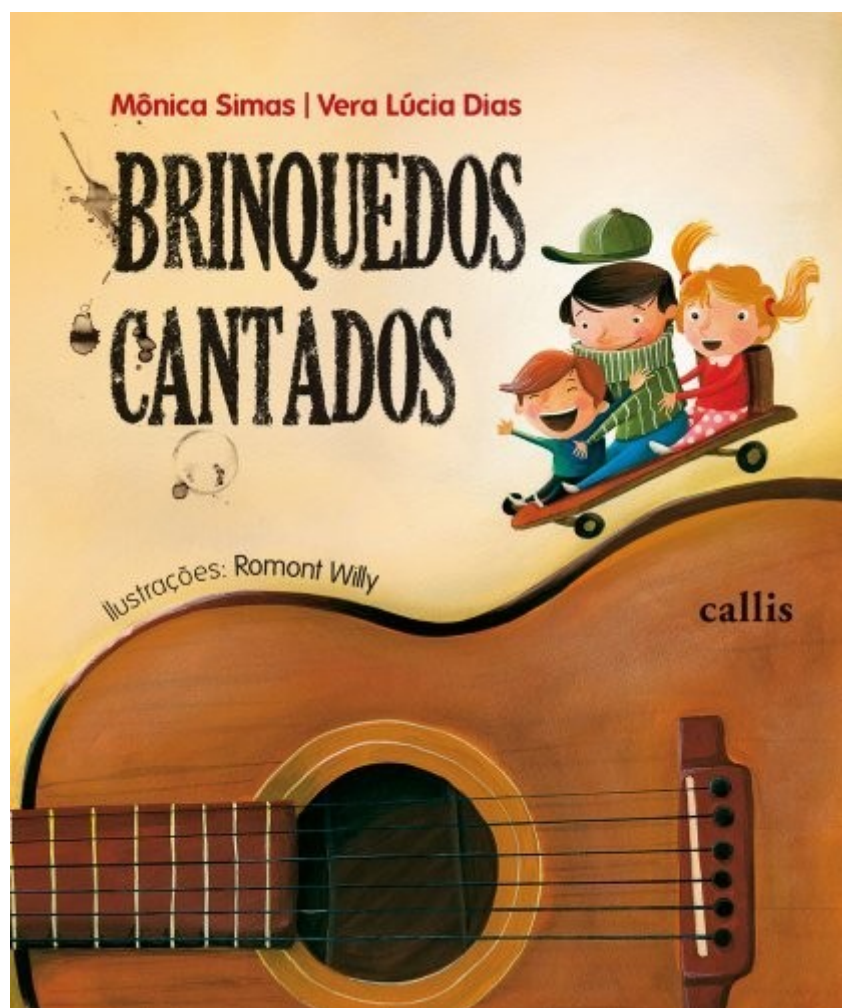
A partir dos 18 meses, opte por livros com textos ricos em repetições e também rimados, como letras de canções folclóricas, poesias, parlendas, etc.

A partir do segundo ano, os livros-brinquedos são excelentes opções. São livros com texturas e fantoches, e agora entra novamente a importância do berçarista ser animado, simpático e sempre brincar com a criança.

Dicas de Livros



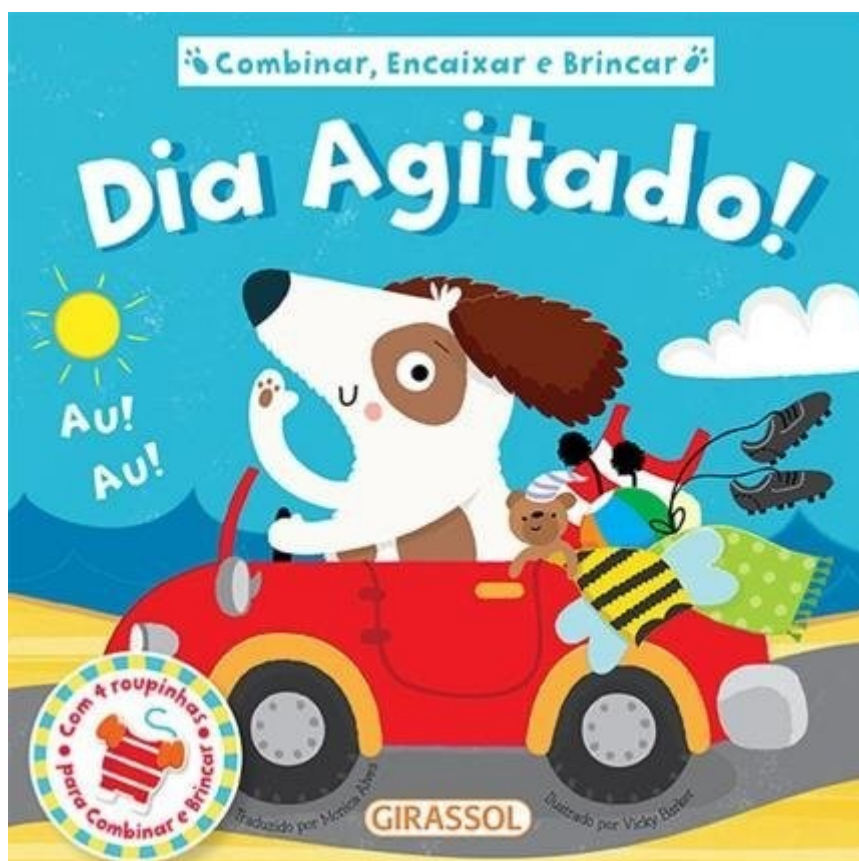
Você é meu bebê | Editora Publifolhinha
Recomendação: de 6 a 24 meses.



Brinquedos cantados | Callis Editora
Recomendação: de 0 a 3 anos.



O Cachorrinho salva uma Estrela | Editora Ciranda Cultural
Recomendação: de 0 a 24 meses.



Combinar, encaixar e brincar: Dia agitado | Editora Girassol
Recomendação: de 12 a 24 meses.



Luki e seus amigos | Editora Vale das Letras
Recomendação: de 0 a 3 anos.

Atividades e Brincadeiras



É através de atividades, brinquedos e brincadeiras que as crianças ganham competências pessoais, sociais, valores e atitudes. A busca por brinquedos naturais cresce cada vez mais. Esses brinquedos são aqueles de tecidos naturais, de madeira, enfim, os famosos brinquedos de antigamente. Isso ajuda a criança a conhecer a textura natural, o calor da madeira, etc.

Os brinquedos ajudam as crianças a compreenderem o mundo em que vivem, e são uma parte muito importante do seu desenvolvimento.

As crianças sabem valorizar as pequenas coisas, e algo muito pequeno para os adultos, pode ser algo muito importante para elas.

De acordo com especialistas em desenvolvimento infantil, certas atividades são fundamentais para incentivar a imaginação e a criatividade das crianças, assim como também ajudar na expansão de suas habilidades intelectuais, emocionais e sociais.

E quanto mais a criança brincar de forma natural, sem o uso de dispositivos eletrônicos por exemplo, mais ela conseguirá desenvolver uma habilidade física e mental.

Infelizmente, a maioria dos brinquedos eletrônicos não incentiva a imaginação da criança. Ao invés dela montar uma casinha, por exemplo, simplesmente aperta um botão para fazer isso. Ao invés de chutar uma bola e jogar futebol, se divertem com videogames, tablets ou computadores.

5 atividades pedagógicas para berçário

Música dos nomes

Essa brincadeira é indicada para bebês a partir dos três meses de vida. Nessa fase, as crianças estão começando a se familiarizar com o som das palavras e a reconhecê-las. Seu nome e palavras usadas cotidianamente passam a se tornar familiares. Essa é uma das atividades pedagógicas para berçário que contribuem para que os bebês desenvolvam a pronúncia dos sons de seus nomes e se reconheçam neles. O ideal é colocar os bebês em uma superfície acolchoada, de bruços, e cantar músicas em que possam ser inseridos seus nomes. Músicas infantis clássicas, como “Se eu fosse um peixinho”, “A canoa virou” e “Ciranda Cirandinha” podem ser personalizadas com o nome dos bebês, que podem ser colocados ao centro da roda no momento em que seu nome for dito.

Contar histórias

As histórias são, para todas as idades, ótimas maneiras de fazer com que as crianças conheçam outras possibilidades e viajem para um mundo completamente novo. Para os bebês do berçário, o ideal é que a história seja contada em momentos de relaxamento, como depois do banho e antes das sonecas. É recomendado que o contador varie as vozes, adequando-as aos personagens e utilizando sons de animais para identificá-los. Bonecos coloridos podem ser usados também, para tornar o momento mais lúdico e atrair ainda mais a atenção das crianças que, nessa fase, gostam de cores e movimentos.

Estimular a expressividade

Além de se identificarem com o seu nome, é muito importante que crianças em fase de berçário passem a reconhecer a própria imagem. Uma das atividades pedagógicas para berçário que podem ajudar nessa descoberta é posicionar os bebês na frente de um espelho. Assim, eles se olharão e poderão identificar suas expressões, movimentos e traços de seus rostos.

Massinha de modelar

Qual criança não gosta de brincar de massinha? Essa é uma das atividades pedagógicas para berçário que ajudam a desenvolver a força, os movimentos e a imaginação dos pequenos. É necessário que as massinhas sejam comestíveis, preferencialmente preparadas pela própria equipe pedagógica, para que não haja nenhum problema de saúde decorrente da sua ingestão.

Separamos para você uma receita simples e fácil para o preparo de massinha.

Ingredientes:

2 xícaras de farinha de trigo;

1 xícara de sal;

1 xícara de água (para dar consistência de pão à massa);

2 colheres de sopa de óleo comestível (indicamos óleo de girassol);

corante comestível de cores variadas (anilina ou gelatina).

Modo de fazer:

junte a farinha e o sal em uma tigela. Adicione o corante à água que será usada para dar a consistência à massa e, aos poucos, junte esse líquido à farinha e ao sal. Misture bem até obter um ponto de massa de pão. Por fim adicione aos poucos o óleo e misture mais um pouco. Essa receita é atóxica e, depois de secar, não mancha as mãos e nem as roupas dos bebês.

Empilhar blocos coloridos

Essa atividade irá auxiliar no desenvolvimento motor do bebê, bem como incentivar a solução de problemas dar a eles uma noção sobre causa e efeito. Espalhe blocos coloridos em um espaço acolchoado. Esses blocos podem ser comprados, de plástico ou espuma, ou feitos a partir de materiais recicláveis, como caixas de leite pintadas. Mostre ao bebê como empilhar os blocos e os incentive a fazer isso. Depois que uma torre for formada, incentive para que ele a derrube. Esse momento será divertido e lúdico para a criança, que irá recomeçar, por conta própria, a refazer a torre.

Organização do Espaço

O ambiente de cuidado da criança deve estar sempre muito bem organizado. Isso faz com que as crianças e até os profissionais se sintam mais confortáveis.

É muito difícil cuidar e ensinar em um ambiente de ensino bagunçado. E isso se aplica a creches, escolas e berçários, já que é também um ambiente de ensino e aprendizado.

Além da organização, o ambiente também deve estar totalmente limpo, todos os dias. Tenha sacos de lixo e spray de limpeza, para garantir que o ambiente fique limpo e acolhedor para as crianças.

Muito tempo pode ser economizado quando o ambiente e os materiais são organizados. Ensine para as crianças sobre a responsabilidade de organizar, ou seja, se tirou um livro do lugar, mostre que você irá guardá-lo depois de usar.



Assim como na sala de aula, o berçário também é um espaço de aprendizado, então tudo deve estar guardado e organizado. Porém, no berçário as atividades são desenvolvidas de forma lúdica, contudo, ainda são atividades pedagógicas.

Crie uma área onde as crianças possam sentar-se confortavelmente, para brincar e aprender. Defina os espaços para cada atividade. Nessa área de ensino, deixe os materiais importantes, como livros e talvez uma caixa de som. É neste cantinho que você poderá ler, explicar e demonstrar. Essa área também pode ser destinada ao desenho e à outras brincadeiras.

Não importa a idade, tenha cadernos de desenho disponíveis para que as crianças do berçário possam brincar e rabiscar.

Os livros também são fundamentais em um berçário. Para organizá-los, coloque em estantes ou então em caixas coloridas que podem ser organizadas por: autor, área temática, nível de leitura, etc.

Neste canto, posicione almofadas e pufes para garantir conforto. Lembre-se de que ter um cantinho de leitura é fundamental, independente da idade. Essa atividade não requer idade mínima, pois qualquer criança deve ter acesso a livros, mesmo que não tenha contato com a escrita. Como já falamos aqui no curso, o processo de desenvolvimento da linguagem escrita, começa antes mesmo da criança escrever suas primeiras palavras. Inclua as crianças em todas as etapas do processo de desenvolvimento e aprendizado.

Como organizar o berçário



O desejo dos pais é deixar seus filhos em um ambiente organizado, para que as crianças sintam-se bem e confortáveis. O berçarista deve montar um ambiente totalmente funcional, organizado, limpo e adequado para os bebês.

Uma decoração infantil pode deixar o ambiente mais alegre e acolhedor. Além disso, lembre-se de que o berçário deve ter berços, trocadores ou cômodas, pufes, almofadas, ar condicionado e iluminação de qualidade. Além disso, é importante ter: fraldas, toalhetes, bolas de algodão, pomadas contra erupção, babadores, loção de bebê, produtos de higiene, paninhos, mantinhas, livros e brinquedos.

O berçário também deve ter vários jogos extra de lençóis, que deverão ser trocados com frequência.

Para manter a organização, separe um grande armário com gavetas para guardar fraldas, cobertores e vestuário.

Os armários também são ótimos organizadores para brinquedos e livros!

Prateleiras móveis em cantos estratégicos do berçário ajudam a organizar molduras e atividades desenvolvidas pelas crianças.

A música também deve fazer parte do berçário. O som ajuda a acalmar o bebê para dormir. Nunca se esqueça de colocar músicas de ninar para que as crianças tenham um sono tranquilo.

Os toques especiais, como a roupa de cama ou tapeçarias, pinturas murais, lembranças, fotos e obras de arte emolduradas garantem um toque de preocupação, delicadeza e cuidado, fazendo com que os pais sintam-se mais seguros e felizes em deixar suas crianças neste ambiente.

Lembre-se também de ter um armário com remédios. Guarde neste armário um kit de primeiros socorros, analgésicos infantis / redutor de febre, álcool e água oxigenada.

Veja abaixo um artigo (extraído da internet) que ensina a organizar um berçário de forma adequada:

Organizando um berçário de forma ideal

Para montar um berçário, é necessário que o profissional tenha a consciência da importância que a infraestrutura tem para atender as reais necessidades do bebê. Lembre-se de que o berçário é a segunda casa do bebê, então é importante que ele se sinta em um ambiente acolhedor.

Para montar um ambiente legal, é fundamental compreender as necessidades dos bebês, para propiciar tanto para o bebê, quanto para seus pais, conforto e segurança.

Veja abaixo algumas orientações importantes baseadas em dicas de profissionais especializados na área. São dicas que podem ajudar a esclarecer dúvidas quanto à infraestrutura adequada para

receber a criança, e garantir o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor e social.

Estruturas básicas de um berçário:

1. Sala de repouso: esse ambiente deve proporcionar um bom descanso, para isso necessita de boa ventilação e luz baixa. As roupas de cama, chupetas e brinquedos devem ser individuais;
2. Sala de atividades: essa é um dos principais ambientes, deve oferecer uma série de materiais como giz de cera, papéis, livros, brinquedos, tintas, sempre ao alcance de todos, mas com supervisão. Sugere-se instalar um lavatório nessa sala;
3. Fraldário: ambiente de higiene, orienta-se colocar bebê-conforto para deixar a criança de forma segura enquanto algumas tomam banho e são trocadas, mas somente neste momento, pois não é aconselhável colocar a criança o tempo todo presa a esse. A presença de um cesto de lixo com tampa e pedal próximo ao lugar de troca de fraldas é fundamental;
4. Lactário: ambiente de alimentação, necessita de fogão, geladeira, micro-ondas, esterilizador, ventilador, o ideal é que seja um teto de laje que torna o ambiente fresco;
5. Solário: espaço reservado para tomar sol, sugere-se que tal atividade seja praticada antes das 10 e após 15 horas, podendo utilizar mangueiras e torneiras. Brinquedos grandes, como: balanços, triciclos, casa de boneca, entre outros são ideais para esse ambiente.

Além desses ambientes, alguns procedimentos podem ser seguidos com a finalidade de se obter um berçário completo, organizado e consequentemente agradável.

- Utilizar visores pra fazer as divisões dos cômodos de forma que possa estar em um ambiente e monitorar os demais;
- Evite colocar pisos com depressões, dê preferência para os pisos lisos e não escorregadios, visto que evitam o acúmulo de sujeiras;
- Utilize azulejos nas paredes do fraldário e do lactário para garantir uma higiene adequada;

- Elimine degraus do ambiente, facilitando a entrada de pais e crianças deficientes, bem como evitar a queda daqueles que carregam seus filhos no colo ou no carrinho;

É claro que cada pessoa tem o seu jeito de organizar, então essas sugestões podem e devem ser adaptadas de acordo com a realidade de cada um, desde que garantam que os bebês possam ter as melhores condições possíveis de atendimento de acordo com as reais expectativas dos pais que, na maioria das vezes, optam por este ambiente devido à falta de confiança em deixar seus bebês com uma babá, correndo o risco de serem maltratados e violentados.

O Choro da Criança

O choro para uma criança é a sua maneira de expressar sentimentos. Chorar é totalmente normal, até porque não é fácil para a criança se adaptar ao ambiente e a equipe da creche, se despedir da família, brigar com o coleguinha, entre mil e outros motivos. Dizem que a vida de uma criança é fácil, porém até 3 anos de idade existem diversos desafios diários e uma boa dose de estresse. E o pior é que muitas vezes, dependendo da idade, os pequenos não conseguem se comunicar, então chorar se torna a única opção.



Às vezes os choros são rápidos e baixinhos, já alguns se tornam choradeiras que podem assustar até a vizinhança, o que também é totalmente normal. Para o educador, principalmente os iniciantes, enfrentar momentos como esses não é uma tarefa tão fácil. É natural que a irritação, a frustração e a falta de paciência

apareçam, porém é preciso manter a calma e aprender a lidar com os choros.

É necessário conhecer o desenvolvimento infantil e aprender a construir vínculos afetivos com as crianças. Esse trabalho é fundamental e começa assim que a criança chega na creche.

Nos primeiros dias da criança na creche, é normal que a educadora e toda a equipe ainda não consigam diferenciar os tipos de choro da criança. Porém, com o tempo a educadora irá conhecendo cada criança, suas características e manias.

Antes de tudo, é preciso entender que o objetivo dos bebês que estão chorando é comunicar que algo não vai bem. Então é importante tentar saber o que o choro expressa.

Se o motivo do choro for dor física, é preciso buscar orientações médicas o quanto antes. E o que também merece ação rápida e aconchego é a dor emocional. Dizem que se pagar no colo a criança pode ficar manhosa, mas colo e carinho são sempre bem-vindos e não estragam ninguém.

Quando acontecer uma crise de choro, o melhor é demonstrar que você entende o problema e dizer que logo vai passar. Peça que a criança respire fundo, lave o rosto e sente no seu colo. Transmita a mensagem de que você confia que ela vai relaxar e se acalmar. Aproveite e respire fundo também, passando uma sensação de calma e tranquilidade.

Cuidar x Educar

Cuidar é diferente de educar?

O bebê e a criança que ainda não sabe falar e andar, está sujeito de necessidade de cuidado integral. Bógus et al.(2007) destacam que na creche, os cuidados prestados à criança de zero a dois anos de idade referem-se à higiene, à alimentação, ao desenvolvimento, às atividades lúdicas e à saúde, independentemente da qualidade do cuidado que ela possa receber em casa e das outras pessoas responsáveis por ela.



E ao cuidar, o berçarista está, por meio da cultura, ensinando a criança. Vitta e Emmel (2003) citam que educar a criança é uma ação integrada ao cuidá-la, ou seja, uma não anula a outra. As atividades que envolvem o cuidar do bebê, necessitam de uma rotina organizada, caracterizada por alimentação, descanso, higiene e recreação.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1999), cuidar é ajudar o outro a se desenvolver como ser humano. Ou seja, cuidar é valorizar e ajudar a desenvolver capacidades.

O cuidado é uma ação em relação ao outro e também a si próprio que possui uma dimensão expressiva e demanda de procedimentos específicos. O desenvolvimento integral precisa tanto dos cuidados relacionais, que incluem a dimensão afetiva, e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso a conhecimentos variados.

O mesmo documento também aponta a definição de educar como sendo proporcionar brincadeiras, situações de cuidados, e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam ajudar no desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Com isso, a educação poderá ajudar no desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades

corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis.

De acordo com Vitta e Emmel (2003): “o cuidado envolve aspectos afetivos, emocionais e cognitivos, estando intimamente relacionado com a proposta de educação”.

O entendimento é adequado com a moderna noção de “cuidado” que tem sido utilizada para envolver todas as atividades relacionadas à proteção e apoio necessários ao dia a dia de qualquer criança: proteger, alimentar, lavar, trocar, consolar, curar, enfim, cuidar, todas fazem parte do que chamamos de educar.

O berçarista é fundamental na formação das boas práticas alimentares da criança, então este profissional deve acompanhar as refeições respeitando sempre o ritmo de cada criança, além de estimular sua autonomia.

Além da alimentação, o sono também é fundamental. O hábito do sono desempenha um importante papel no desenvolvimento físico e emocional das crianças. Há crianças que têm mais necessidades de sono do que outras, mesmo que tenham a mesma idade.

Por isso que o berçarista deve tratar cada criança como única. Esses detalhes demandam atenção extra e sensibilidade por parte dos profissionais, que devem sempre respeitar o ritmo de cada criança.

Ainda falando do sono, é importante entender que isso nunca deve ser uma coisa imposta, e os berçaristas deverão planejar as atividades oferecidas aos bebês levando em consideração o momento do descanso dentro da rotina de atividades.

As atividades realizadas com os bebês devem ser planejadas, com objetivo e sempre feita nos horários adequados.

Todas as atividades realizadas com a criança permitem o seu desenvolvimento ao mesmo tempo em que são sanadas as suas necessidades. Cabe ao profissional perceber, analisar e imputar intenção a tais atos a fim de que a criança seja beneficiada.

Primeiros Socorros

É fundamental que os cuidadores atuem na prevenção de acidentes e também de situações que possam causar riscos às crianças. Porém é preciso entender que acidentes podem acontecer, e para isso, o educador deve estar preparado para agir.

Acidentes mais frequentes de acordo com a idade:

0 a 1 ano - quedas (cama, colo, trocador), asfixia, aspiração de corpo estranho, intoxicação, queimaduras.

2 a 4 anos - quedas, asfixia, sufocação, afogamento, choque elétrico, intoxicações.

Veja abaixo o que deve ser feito em situações de risco:

Quedas

Os acidentes mais frequentes em crianças de 0 a 9 anos de idade são as quedas. É comum que as crianças caiam enquanto estão brincando ou tentando andar, e isso faz parte do desenvolvimento delas. No entanto, é importante adotar medidas de prevenção para evitar acidentes graves. A maioria das quedas acontece pela ausência de um adulto, e é por isso que as crianças nunca devem estar sozinhas.

Analise a altura de onde a criança caiu, o local, qual área do corpo recebeu o impacto da queda, e como a criança está reagindo.

Se a criança apresentar os seguintes sinais, entre em contato com o serviço médico imediatamente:

- sonolência
- estrabismo
- desorientação
- pupilas de tamanhos desiguais
- vômitos
- saída de sangue ou outro líquido pelo nariz ou ouvido

Queimaduras

As queimaduras podem ser dolorosas e deixar sequelas, por isso devem ser tratadas imediatamente. A principal causa de

queimadura em crianças menores de cinco anos é a por líquido quente, então a prevenção é a medida mais eficaz.

Veja algumas medidas de prevenção de queimadura por água quente:

- Verifique a temperatura das mamadeiras e de todos os alimentos antes de oferecê-los às crianças. Não esquite mamadeiras no forno microondas, pois existem riscos graves de queimaduras da boca e da garganta;

- Não deixe as crianças frequentarem a cozinha, apenas se forem acompanhadas por um adulto;

- Álcool e outros combustíveis devem ser armazenados em um local longe do alcance de crianças;

- Na hora de preparar o banho da criança, verifique a temperatura. Para o banho do bebê, a temperatura deve ser testada com a face interna do antebraço do educador. A criança maior não pode regular a temperatura da água sozinha. Em nenhum caso a criança pode ficar sozinha na hora do banho;

- Fios e tomadas desencapados possuem risco de choque elétrico;

O que fazer em casos de queimaduras?

Até que se tenha atendimento médico, veja algumas recomendações:

- Remova as roupas que estão cobrindo a área queimada. Se alguma peça estiver grudada no corpo, lave a região com água limpa até que consiga retirar delicadamente sem causar dor ou aumentar a lesão;

- Coloque água limpa e fria na área queimada, para aliviar a dor. Não use água gelada, apenas fria. Isso vai ajudar a limpar a ferida, reduzir a dor e diminuir a formação do edema posteriormente;

- Coloque um pano limpo para cobrir a região afetada e procure atendimento médico imediatamente;

- Não pegue receitas de queimadura na internet que podem piorar a situação;

- Não coloque gelo nas queimaduras, nem qualquer outra substância sem orientação médica;

- Não fure bolhas de queimadura;
- No caso de queimadura elétrica, o indicado é desligar o interruptor, e depois retirar a criança do condutor. Analise os sinais vitais como pulso e respiração, resfrie com água fria as lesões e procure atendimento médico imediatamente;

Engasgo e aspiração de corpo estranho

A aspiração de corpo estranho é qualquer substância ou objeto que entra no corpo humano indevidamente, e pode ter sido colocado pela própria criança nas cavidades - ouvido ou nariz - ou através da ingestão. O risco é maior quando esse objeto ou substância é aspirado para o pulmão. O engasgo é o maior sinal de que o acidente aconteceu. Essas situações são mais frequentes com crianças de um a três anos de idade.

Objetos pequenos ou que contém pequenas peças são os mais comuns nesses casos, e essa é uma das razões pelas quais esses objetos devem ficar longe do alcance de crianças. Porém também pode acontecer com alguns alimentos, como amendoim, pipoca e milho. É preciso ter uma atenção especial com a escolha dos alimentos, pois a criança pequena não consegue controlar a mastigação e a deglutição, fazendo com que o engasgo seja algo mais frequente.

Veja algumas recomendações importantes em relação à alimentação das crianças:

- evite oferecer alimentos que possam possibilitar o engasgo, como sementes, balas duras, amendoim, etc;
- ofereça alimentos cortados em pequenos pedaços, de acordo com a faixa etária;
- ensine as crianças a mastigarem bem os alimentos;
- as crianças devem se alimentar sempre sentadas. Nunca dê alimentos enquanto elas estão brincando ou correndo.

Como identificar um engasgo?

Se a criança começa a tossir de forma persistente, tem falta de ar súbito, apresenta chiado no peito, rouquidão, lábios e unhas arroxeadas fique atento, pois podem ser sinais de aspiração de corpo estranho.

O que fazer nesses casos?

Até que se tenha atendimento médico, veja algumas recomendações:

Técnicas de desobstrução das vias aéreas:

Crianças menores de 1 ano:

-> coloque a criança sobre a perna, apoiada em um dos braços e com a cabeça mais baixa. Mantenha as vias aéreas livres. Com a outra mão, dê cinco percussões nas costas (entre as escápulas), conforme a imagem. Depois, vire a criança de barriga para cima e dê cinco compressões no tórax. Repita esses passos até que a criança consiga expulsar todo o corpo estranho.

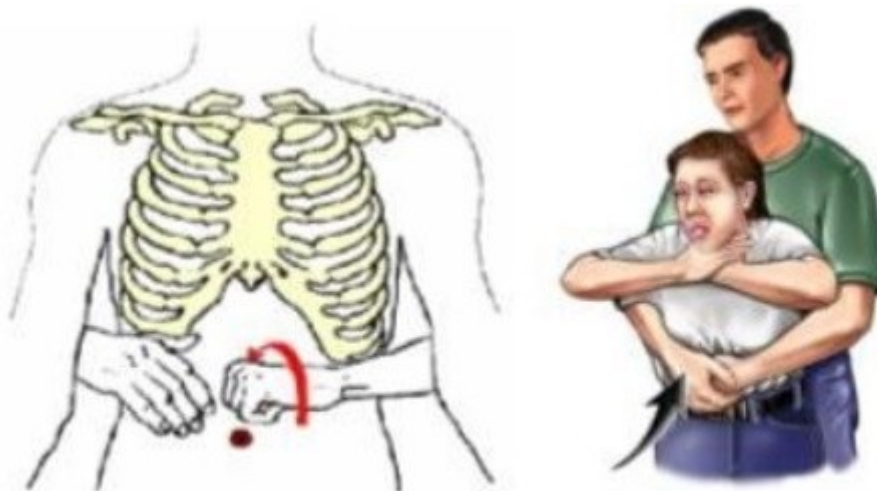


Se conseguir ver o corpo estranho na boca da criança, retire-o com muito cuidado. Não coloque o dedo na boca da criança sem visualizar nada, pois poderá piorar a situação se empurrar o corpo estranho para regiões mais baixas das vias aéreas.

Crianças maiores de 1 ano

Manobra de Heimlich

Posicionado atrás da criança, aplique pressão abaixo das costelas, com sentido para cima, até que o corpo estranho seja conduzido das vias aéreas até a boca. Cuidado: não comprima as costelas!



Manobra de *Heimlich*

Convulsão Infantil

As convulsões são alterações involuntárias e transitórias da consciência, comportamento, atividade motora e função autonômica causadas por uma atividade cerebral anormal. Para resumir, pode ser definida como um transtorno neurológico súbito e transitório que aparece relacionado com a febre.

Entre crianças de 6 meses a 5 anos, a causa mais comum de convulsão é a febril, porém geralmente dura poucos minutos.

Alguns sintomas da convulsão são:

- tremores
- lábios e extremidades arroxeadas
- piscar de olhos
- olhar alheio ao meio
- virada de olhos
- movimentação de mãos e pés

A criança pode voltar ao normal rapidamente ou ficar sonolenta após a convulsão. Porém este costuma ser um momento estressante e preocupante para quem está olhando, então é fundamental manter a calma.

O que fazer nesses casos?

Até que se tenha atendimento médico, veja algumas medidas de proteção que devem ser realizadas durante o momento da crise:

- deitar a criança para evitar quedas e traumas;
- afrouxar as roupas da criança;
- observar a respiração;
- proteger a cabeça da criança com a mão, travesseiro ou roupa;
- para evitar que aspire vômito ou saliva, o ideal é lateralizar a cabeça da criança;
- limpar as secreções na boca para facilitar a respiração, porém não colocar o dedo dentro da boca da criança, pois pode machucá-la;
- Não fornecer nada para a criança no momento da crise, como líquidos ou remédios;

Por fim, a recomendação para qualquer acidente: entre em contato com o serviço de emergência e mantenha a calma para passar tranquilidade para a criança.